

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO  
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 38

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 24500. Semestre, 12500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os ars. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.º ANNO

## CONTINUANDO

A religião christã não trouxe nada de novo ao mundo. Que emudeçam n'esse ponto os patetas, que uma ignorancia geral consagrara sábios, dando-lhes o tom *poseur* d'uma superioridade comica, o sorriso desdenhoso do asno que nunca se conhece.

A religião christã não trouxe nada de novo ao mundo. A sua moral e os seus dogmas são a moral e os dogmas das velhas religiões da India. O seu espirito de liberdade, de egualdade, de solidariedade foi-o buscar ao paganismo, cujos philosophos iam mais longe na reabilitação do escravo e da mulher do que foram os celebres doutores da Egreja. E Christo restringia os largos sentimentos humanos: «Eu só fui enviado ás ovelhas da casa d'Israel, que andam perdidas.» E sem essa tradição philosophica do odiado paganismo, e sem a propagação dos christãos educados n'essa tradição, os christãos gregos, que beberam na philosophia antiga, melhor do que Jesus, esses grandes e largos sentimentos de liberdade e de fraternidade, esses teriam ficado reduzidos, talvez, por então, áquelle pobre e árido bocado de terra da Judeia, em vez de principiarem desde logo a alastrar-se pelo mundo.

A religião christã não trouxe nada de novo ao mundo. Este é o facto. Copiou tudo, incluindo as lendas, incluindo a fórmula, o processo, a magestade, a seducção e, ao mesmo tempo, a charlatanice do culto. E' feita de bocados e de retalhos, como diz Le-tourneau. Um *paganismo novo*, escreveu Marx. Um *paganismo de furta côres*, chamou-lhe Goethe.

A religião christã não trouxe nada de novo ao mundo. Antes foi negativa, como todas as aspirações meramente subjectivistas. Dando-nos o céu como remedio unico de todos os males, abriu campo largo á injustiça, á iniquidade, ao despotismo.

Não obstante, antes de ser essa *religião do estado* que nos processa, que nos vai metter na cadeia, essa *religião do estado* que levanta peias, sem cessar, á liberdade, que abre os calabouços, sem cessar, ao pensamento, que folga em trazer a alma humana sempre endurecida, sempre bruta, sempre ás escuras, foi, não obstante, antes de ser isso, um movimento de proletarios, um arranco de opprimidos, um protesto de infelizes, um grito de vingança tão sonoro, tão vibrante, tão intenso, que, apesar das suas negações de doutrina, que, apesar das suas imitações, que, apesar do seu insuccesso, da sua inabilidade, ainda hoje vibra na alma

humana sobrepujando todas as criticas dos sábios e todas as divagações dos philosophos.

E' que nós, nós os opprimidos, nós os famintos de justiça, nós os sequiosos de liberdade, não avaliamos o christianismo pelo seu espirito de doutrina, mas pelo seu espirito de revolta. E' que a nós, a nós opprimidos, a nós famintos, a nós explorados, pouco importa que a moral evangelica de caridade e de renuncia fosse a moral budha, ou inferior a esta; pouco importa que o mysterio da encarnação e o mysterio da trindade existisse já no mesmo budhismo e n'outras religiões da India e do Egypto; pouco importa que a cruz, antes de ser um symbolo christão, fosse um symbolo d'outras religiões, sendo assim impropriamente chamada á religião christã a religião da cruz, e uma verdadeira historietta que o diabo tivesse, em qualquer tempo e em qualquer occasião, medo da tal cruz. Isso pouco nos importa a nós, enquanto ouvirmos o Christo bradar: «Eu não vim trazer a paz á terra; eu vim trazer a espada, eu vim trazer o fogo e quanto mais depressa ella arder tanto melhor», porque o espirito que dictou a Christo essas palavras é o espirito que nos inflamma, que nos queima ainda hoje a todos nós.

Tambem nós, os opprimidos, tambem nós, os explorados, temos impetos de colera que nos levam a empunhar, ou a ter vontade de empunhar, a espada e o facho.

Isso pouco nos importa, enquanto soarem aos nossos ouvidos, como se fossem pronunciadas n'este instante, as terriveis imprecações dirigidas aos homens da lei: «Hypocritas, sepulchros enbranquecidos, bellos por fóra mas cheios de imundicie por dentro, serpentes, raça de viboras, que parecendo homens justos sois iniquos.»

Isso pouco nos importa, enquanto a condemnação dos ricos fór tão frisante, tão eloquente, tão peremptoria que seja mais facil a um camello passar pelo fundo d'uma agulha do que a um d'elles ganhar a justiça, o que, na phrase e idéa de Jesus, era entrar no reino dos céos.

Isso pouco nos importa, enquanto a visão de Christo, correndo a chicote os vendilhões no templo e morrendo logo a seguir corajosamente pelas suas opiniões, fór a synthese gloriosa da virtude social e politica.

Sim, a religião de Christo, antes de ser a *religião do estado* que nos processa e que nos vai metter na cadeia, foi essa religião de protesto, de revolta e de vingança. E' esse o seu lado sympathico, o unico que o povo conhece, o unico que o povo vê. Logo,

essa religião, a servir de estandarte aos ricos, nos poderosos da terra, é um ludibrio completo e perfeito.

Jesus, morrendo pelos seus semelhantes, não é de fórmula alguma esse Jesus do *Sacré Coeur*, de irmãs de caridade, de jesuitas, de millionarios, de padres e de reis. E' o Jesus da plebe, do pé descalço, do faminto de pão, de liberdade e de justiça. Jesus não teve a justa concepção da maneira pratica de melhorar as condições sociaes da humanidade por isso mesmo que era um idealista revolucionario. Jesus ainda hoje é uma força por isso mesmo que o estado social presente é approximado ao do seu tempo. Os seus devaneios e os seus impetos colericos são os devaneios e os impetos colericos de todos os idealistas revolucionarios do seculo dezanove. Os escribas, os phariseus, os ricos, os inimigos da sociedade e da patria são os mesmos hoje que eram então.

Condições especiaes de tempo, de meio e de propaganda fizeram com que, de preferencia a outros, ficasse na alma popular esse espectáculo de Jesus combatendo e morrendo pelas reivindicações da plebe. Não obstante, a *religião do estado* é inteiramente outra da religião revolucionaria de Jesus.

E' a religião do despotismo. Vel-o-hemos no numero seguinte.

## LIBERDADE DE IMPRENSA

Foi julgado na Figueira da Foz o extinto jornal *Povo da Figueira* por sete crimes, publicos e particulares, assim divididos:

Offensas á religião do estado;  
Incitamento do povo á rebellião;  
Insultos ao ministro da fazenda Ressaño Garcia e ao governador civil do districto;  
Diffamação da camara municipal;  
Insultos ao dr. José Jardim e familia Jardim;  
Diffamação do escrivão de fazenda de Espinho.

Por tudo isto, foi condemnado o auctor dos artigos em 3 mezes de cadeia e o editor em 2.

Logo, o *Povo de Aveiro* deve ser absolvido na insignificante querela que lhe foi movida.

Pois não é verdade?  
Só um processo e por offensas que não existem é bem diferente de sete processos com *titulos* tão graves.

A proposito, publicaremos no proximo numero um artigo sobre a moral que vem do caso de irmos ser julgados pelo sr. juiz Pinto.

Terminamos manifestando aos nossos collegas do *Povo da Figueira* o pesar que sentimos pela condemnação.

## O TEMPO

De sexta para sabbado embuscou, e hontem deu-nos um dia d'agua, continua, arreliante, que nos fez recordar os dias de chuva no inverno.

## DESCOBERTA DO BRAZIL

Para celebrar o quarto centenario da descoberta do Brazil pelo navegador portuguez Pedro Alvares Cabral, foi hontem dia de grande gala, fechando-se por este motivo todas as repartições publicas.

A descoberta do Brazil é uma das numerosas e gloriosissimas paginas que illustram a historia dos nossos descobrimentos maritimos que são o facto mais caracteristico do nosso genio nacional.

Até hoje tem prevalecido a facil e imaginosa explicação que attribue a descoberta do Brazil á providencial occorrença de uma furiosa tempestade que fez derivar as náus de Pedro Alvares Cabral para oeste, impedindo-as de seguir a derrota da India. A critica, porém, rejeita hoje esta explicação commodista, porque, na quadra em que Cabral fez a viagem, as tempestades sopravam no Atlantico em direcção opposta á que seguiram os navios do nosso descobridor, que, por este motivo, se deviam afastar e nunca poderiam encontrar as costas da America meridional. Além d'isso, nenhum dos homens que nos dão noticia do descobrimento e n'elle tomaram parte, se refere á miraculosa tempestade que, como dizem, produziria resultado contrario. Depois, está averiguado que a tradição da tempestade é espuria, isto é, não data da época a que se refere; começou muito posteriormente. Por tudo isto que a critica historica descobriu e sustenta, é-se levado a pôr de parte a rotineira, inscientifica, vulgar e commoda explicação do descobrimento, substituindo-a por outra mais humana e acceptavel, que se deduz da propria historia dos descobrimentos maritimos de portuguezes e hespanhoes, e das ambições coloniaes dos monarchas dos dois reinos peninsulares. Isto é: a descoberta do Brazil não foi obra do acaso, como vulgarmente o dizem as historias. Foi um acontecimento resultante d'uma intenção firme. Pedro Alvares Cabral não saiu do reino para se dirigir á India. Levava outro plano na mente. E d'esse plano resultou a descoberta do Brazil, povo filho pelo sangue e pela lingua, que os successos historicos tornaram politicamente diferente da mãe patria, como o Oceano e o clima o fizera desde o principio distincto pela geographia.

N'uma palavra: a descoberta do Brazil foi intencional; a explicação rotineira do facto pertence ao dominio da lenda.

E reduzido assim o descobrimento ás proporções humanas de

que a critica o reveste, não perde o seu valor nacional, nem o descobridor portuguez fica sendo heroe de menor estatura. Antes pelo contrario.

## As azalias do bazar

Em lugar de dois, foram três os exemplares que o sr. Domingos Cardoso apresentou para se arrematarem dois á escolha. Ainda não vimos melhores, nem tão bons em Aveiro. E afinal quem os levou, foi um rapaz... para casa do sr. Domingos Cardoso, que generosamente entregou á Direcção do Recreio 4\$000 réis.

A proposito do incidente, que se deu na camara dos deputados com o sr. dr. Affonso Costa, escreve o nosso prezado collega O Norte:

A maioria da camara, commandada pelo sr. Emygdio Navarro, que já classificou os deputados progressistas de «nerdelins», promoveu na sessão de 1 de maio um escandaloso tumulto, arremettendo em furia contra o deputado pelo Porto dr. Affonso Costa, que desdenhosa e altivamente esperou o assalto, só pelo facto de o illustre republicano haver classificado de immoral a nomeação de um ministro extraordinario para o Brazil, quando existe um que está em Lisboa gosando dos rendimentos.

O que mais se indignou foi Emygdio Navarro, que tambem recebe como diplomata aposentado, mentor do governo, patrão-mór da maioria, insultador encarado de toda a gente, desde a condessa d'Edla até ao ultimo funcionario, sempre que lhe parece conveniente usar do insulto.

Acompanharam-n'o uns quarenta individuos, entre os quaes se distinguiram, pelo berreiro, um tal Egas Moniz, o celeberrimo Oliveira Mattos, e o antigo deputado pelo Porto e hoje deputado pela assembleia do Olival, Adriano Anthero.

O que se passou, dizemol-o com orgulho, eleva tanto o dr. Affonso Costa, como deprime aquelles que deram o espectáculo odioso que vamos referir.

Affonso Costa pôde orgulhar-se de que soube honrar o mandato que lhe foi conferido pelos cidadãos do Porto, e estar certo de ter a seu lado, para tudo, contra os seus adversarios, que são tambem os nossos, os republicanos do Porto. Para tudo, saibam-n'o os senhores da maioria progressista.

Falamos assim, sem bravatas, serenamente, mas na disposição em que devem encontrar-se todos os republicanos desde que, no parlamento, se chega á audacia de entregar a Emygdio Navarro a direcção dos trabalhos, para que elle, como um caceteiro, arremetta á frente da malta, julgando assustar com bravatas quem não tem a embarcaçao-lhe o passo a grelheta do forçado, nem a pesarlhe na consciencia o oiro da *chantage*.

Ao abrir a sessão, o presidente consultou progressistas e regeneradores sobre se devia dar andamento aos requerimentos do

deputado dr. Affonso Costa, pedindo pelo ministerio dos estrangeiros nos documentos de assumptos de caracter internacional. Progressistas e regeneradores assentiram.

Comunicou mais á carneirada panurgiana que o dr. Affonso Costa pedia a palavra para uma questão urgente, que era propôr que fosse levantada a sessão da camara dos deputados em signal de assentimento pela festa operaria.

O dr. Affonso Costa:

— Peço licença para esclarecer a minha intenção. A minha proposta é para que a camara se associe á festa dos trabalhadores e, em signal de adhesão, encerre esta sessão. Não apresento esta proposta na minha qualidade de socialista, mas sim na de trabalhador. Trata-se da festa jubilar do trabalho e entendo que a camara deve a ella associar-se porque no trabalho é que está a regeneração do paiz.

Vozes da maioria:— Ordem! Ordem!

O presidente consultou a camara sobre esta proposta e ella pronunciou-se contra.

Em seguida foi dada a palavra ao deputado republicano para o seu aviso prévio sobre a nomeação do general Francisco Maria da Cunha como embaixador ao Brazil.

O dr. Affonso Costa accentuou que sendo anterior o aviso prévio sobre a passagem das tropas inglezas pela Beira, era sobre esse que lhe devia ser dada a palavra. O presidente protestou que estava no seu direito e convidou o nosso illustre amigo a fazer a sua reclamação por escripto.

Tumulto. A maioria protestava, berrava, barafustava.

O dr. Affonso Costa, impassivel, escreveu o seguinte requerimento que lê:

«Requeiro que seja cumprido o regimento na parte em que ordena se respeite a ordem dos avisos prévios mandados para a mesa, pois o meu aviso sobre a nomeação do general sr. Cunha é posterior ao meu outro aviso sobre a passagem das tropas inglezas pelo territorio portuguez.—O deputado, Affonso Costa.»

A camara regeitou o requerimento.

O sr. dr. Affonso Costa:—Ainda que o sr. presidente tivesse infringido todos os regimentos do mundo, a maioria, por deferencia, havia de decidir que não tinham sido infringidos. Se s. ex.<sup>a</sup>, porém, a consultasse sobre se o aviso prévio relativo á passagem das tropas pela Beira é anterior ao outro, ella não poderia deixar de responder affirmativamente.

O presidente:—Já declarei que o aviso prévio a que o sr. deputado se referiu é anterior ao outro, e já declarei tambem a razão por que concedi a palavra ao sr. deputado para o realizar.

Peço, portanto, a v. ex.<sup>a</sup> o favor de vir á questão.

O sr. dr. Affonso Costa:—Mas se o aviso prévio é anterior...

A maioria berrava desordenadamente.

O dr. Affonso Costa entrou então propriamente no aviso prévio para que tinha a palavra.

Lembrou que, na vespera do general partir para o Brazil, quiz falar sobre o caso, pedindo a palavra para um assumpto urgente. A camara impediu que elle falasse. Foi um mal porque, se tivesse falado, talvez o ministro se recusasse a um acto tão pernicioso e immoral.

— Ao ouvir a palavra immoral, o deputado Navarro—o Navarro—deu um murro na carteira e gritou:

— Immora! Ordem! Ordem! A' deixa do deputado das lamas do Tejo e do Chalet de Luso levantam-se os carneiros ás suas ordens, destacando-se entre esses representantes da triste figura os deputados Egas Moniz, Tavares Festas, Alberto Monteiro, um tal Ponte e o semi-troglodita Adriano Anthero, deputado pela assembleja do Olival.

Este Adriano Anthero é o celebre auctor do mais celebre e calinesco poema que tem feito gemer os prélos: o *Poema do trabalho*...

Affonso Costa, imperturbavel, com a sua grande energia, não se calou e conseguiu, com o esforço da sua forte voz, fazer-se ouvir. Protestou contra aquella intervenção, affirmou o seu direito de falar, repetiu que o facto é immoral e reptou o presidente a cumprir o seu dever.

O borbório augmentou.

Emygdio Navarro, o conego Castello Branco e outros possantes e valentes moços de estadinho, seguindo o *mot-d'ordre* em que estavam ensaiados, prolongaram a arruaça. Avançaram mesmo para o dr. Affonso Costa de punhos cerrados, gesticulando e dizendo insolencias.

Era uma algazarra formidavel.

O sr. Avellar Machado interpoz-se á malta, verberando a farronada de quarenta contra um.

O sr. Adriano Anthero, ex-jacobino convertido, saiu-se com esta tirada pronunciando os ss como x:

— Mas elle só em insolencia vale por 40 aggressores (sic).

O dr. Affonso Costa:—Immoral, affirmo e repito, immoralissimo!

O tumulto subiu de ponto.

O presidente completamente exauctorado não tinha força para estabelecer o silencio. Suspendeu a sessão por meia hora.

Prolongou-se o chifrim, as galerias foram evacuadas pelos continuos.

Suspensa a sessão o presidente convidou o dr. Affonso Costa a retirar as suas palavras ou a sua palavra quando ella reabrisse. O dr. Affonso Costa disse que nada tinha que retirar. Apenas poderia dar explicações sobre o sentido moral da sua palavra.

Reaberta a sessão, o presidente declarou que vae dar a palavra ao sr. dr. Affonso Costa para elle retirar a sua palavra ou dar explicações.

O visconde da Ribeira Brava gritou neste momento:

— Não basta que explique. E' preciso que retire. Do contrario,

a maioria saberá cumprir o seu dever.

O sr. dr. Affonso Costa:—E eu sei cumprir o meu, sr. presidente, não retirando coisa alguma. Noto, em primeiro lugar, que não foi o sr. presidente nem o sr. ministro dos negocios estrangeiros, que me dêram a entender, d'uma maneira um pouco imperiosa, de-sejar que não continuasse nas considerações que estava fazendo, no desenvolvimento do meu aviso prévio.

Em segundo lugar, todos que me conhecem sabem que tenho procurado sempre seguir o melhor e mais recto caminho.

Estou na camara no exercicio d'um mandato politico, e não para fazer referencias de caracter pessoal. Referi-me á immoralidade politica e administrativa. Não vi-sei o ministro como homem nem desejo fazel-o. Ainda que no lugar do sr. Beirão se sentasse quem fosse absolutamente corrupto, desde creança, até tomar assento nos conselhos da corôa (parece que o sr. dr. Affonso Costa olhava para Navarro) não me referia n'este lugar á sua honra pessoal. Considero immoral o acto e continuo a julgal-o assim.

Quanto ao que disse uma voz da maioria, declaro que não me importa que a maioria cumpra o seu dever. Repito agora e repitei sempre, quando preciso for:—tambem saberei cumprir o meu e hei-de cumpril-o.

Na verdade, Emygdio Navarro a protestar porque na camara se proferiu a palavra *immoral*, é d'aquellas coisas que ainda fazem pasmar n'um paiz onde já se não pasma de coisa nenhuma!

**Feira dos 25**

Disse-se que este concorrido mercado mensal aveirense ia ser transferido para o dia 22 de cada mez, por assim convir á maioria dos vendedores de gado, devendo realizar-se já este mez no referido dia.

Informam-nos, porém, pessoa competente de que a mudança não terá logar já este mez, por ser necessario annunciar a com a devida publicidade e antecedencia, não só na feira aveirense mas ainda nas demais feiras aonde concorrem vendedores que aqui veem tambem commerciar.

**A festa dos operarios**

Correu com ordem e decencia a celebração do 1.º de maio pelo operariado aveirense. O programma foi o que aqui publicámos no numero passado.

Era este anno maior o numero de carros, e a sua ornamentação mais artistica do que no anno passado. Entre elles especializaremos o da «Associação dos Operarios de Construção Civil e Artes Correlativas», o dos «Bateleiros, Mercanteis e Pescadores

da Ria d'Aveiro», e o da agricultura. Não obstante ser maior o numero dos carros, quiz-nos parecer que o cortejo em si foi menos numeroso do que o do anno passado. A concorrência de forasteiros é que foi maior.

O sr. Francisco da Naia, conhecido padeiro aveirense, que se encorporou no cortejo com um carro allegorico, distribuiu pelos pobres grande quantidade de pão com que ornamentára o seu carro.

No cemiterio não houve discursos, porque a auctoridade administrativa julgou conveniente prohibil-os.

Foi uma commemoração serena, e nem podia deixar de o ser, attentas as condições em que vive o operariado aveirense.

**O eclipse do sol**

Já tivemos occasião de nos referir a este maravilhoso phenomeno celeste que tanto interesse está despertando ainda aos mais ignorantes em astronomia. Para o observar virão a Portugal, entre outros, os seguintes astrónomos: W. Mahoney Christie, director do observatorio de Greenwich; o astrónomo americano Alexandre D. Dickson; G. F. Chambers, inglez; G. Muller, allemão; e Augustin Morford. O director do observatorio de Greenwich irá observar o eclipse a Ovar. Este astrónomo vem acompanhado de dois ajudantes.

O director do observatorio meteorologico de Coimbra, dr. Santos Viegas, vae estudar o phenomeno a Vizeu.

Os alumnos da eschola polytechnica de Lisboa, da eschola naval e do exercito, que forem a Vizeu acompanhados dos respectivos professores, bem como os encarregados dos instrumentos de observação, teem passagem gratis, e ser-lhes-ha abonado o subsidio de 500 réis diarios a cada um.

Como nem todos conhecem os phenomenos geraes que acompanham os eclipses solares, transcrevemos do n.º 12:352 do *Diario de Noticias* parte da memoria escripta a este respeito pelo sr. Frederico Oom, astrónomo do Real Observatorio Astronomico de Lisboa. Esta memoria vae ser posta á venda por estes dias.

Raridade.—E' este deslumbrante phenomeno astronomico, ainda hoje tido pelo mais importante de quantos se observam, que vae ter logar em Portugal a 28 d'este mez, grandioso espectáculo que desde 1870 não se dava no reino, e mesmo então só em

uma pequena parte do Algarve, onde aliás não foi possível vêr-se por estar o céu completamente encoberto.

Em média, um logar determinado não torna a vêr um eclipse total senão passados 300 annos.

A totalidade dura cerca de 1 a 5 minutos, de cada vez, o que tudo somado, attendendo á frequencia dos eclipses totaes, não dá mais de 8 dias por seculo.

E', pois, justificada a curiosidade e o empenho de presenciá-lo (ão magestoso e raro acontecimento, cuja impressão é sempre profunda e estranha em todos que logram contemplá-lo; não só nos astrónomos ou nos que scientificamente estudam as diversas circumstancias do eclipse, mas em todos os espectadores, civilizados ou selvagens, sábios ou ignorantes.

*Primeiros aspectos do eclipse.*—*Sombra das arvores.*—Ao principio a não ser que se esteja reparando expressamente no silencio e agradável avanço do corpo opaco da lua sobre o astro do dia, nada particularmente desperta a attenção desprevendida. Sómente a sombra das arvores apresenta então um aspecto peculiar e insolito.

Habitualmente, a luz solar, coada pelos intersticios da folhagem, forma no solo pequenos circulos aggregados e sobrepostos, que não são mais do que imagens do sol produzidas por cada um d'esses intersticios, actuando como orificio de uma camara escura. Mas logo que o eclipse tem progredido um pouco, esses circulos substituem-se por crescentes, reproduzindo invertida a imagem do astro parcialmente eclipsado.

Este effeito é muito evidente, até mesmo para quem o não espera.

*Côres das paisagens.*—A diminuição da luz não começa a perceber-se senão depois que a lua tem percorrido metade do diametro solar.

Torna-se então successivamente mais sensível, constituindo por si só um motivo de estranheza, e dando á paisagem, com um tom livido especial, inteiramente diferente do effeito crepuscular, um aspecto sinis ro que na phrase de um espectador do eclipse de 1898 na India, fazia arripiar.

E' então que os povos selvagens, os indios, os chinas mesmo, ainda hoje começam um alarido infernal de gritos e instrumentos para enxotar o monstro «que está comendo o sol amigo».

*Sombras ondulantes.*—Veem-se então sobre os objectos umas rapidas e tenues sombras ondulantes, com paraveis aos tremulos reflexos que a luz do sol, reverberada na agua produz n'uma parede proxima ou sob os arcos de uma ponte.

Umaz vezes estreitas e afastadas; outras, largas e unidas; fugindo á superficie do solo ora com a velocidade de um homem correndo, ora com a de um comboio expresso; ephemeras, impossiveis de medir, são em uns eclipses muito apparentes, em outros nem mesmo visiveis. Parecem não pertencer á sombra da Lua, e sómente ter origem nas irregularidades da refração atmospherica no delgado feixe de luz do crescente solar, quando vae desaparecer, ou tem n'esse instante reaparecido.

São quasi sempre mais visiveis perto dos limites da zona de totalidade do que na linha do eclipse central. Foi no eclipse de 1869 na America,

— E agora, sirs, que fizemos justiça aos nossos hospedes saxões, disse o principe, cuja cabeça começava a esquentar-se com as repetidas libações, rogamos-lhes que pela sua parte correspondam á nossa cortezia. — Digno thane, continuou elle, dirigindo-se a Cedric, digna-vos nomear entre os normandos aquelle que menos manche a vossa bocca e afogar em seguida n'uma taça de vinho todo o amargor que esse nome vos deixe nos beiços.

Fitzurse levantou se enquanto falava o principe e, indo surreitamente atraz da cadeira do saxão, disse-lhe ao ouvido que não deixasse perder aquella oportunidade de pôr termo á animosidade que havia entre as duas raças nomeando o principe João. Elle não respondeu a esta insinuação politica, e, levantando-se e enchendo a sua taça até ás bordas, dirigiu-se ao principe por estas palavras:

— Vossa Alteza pede-me que nomeie um normando digno de ser memorado n'este banquete. E' sem duvida uma penosa tarefa, pois que obriga o escravo a cantar louvores ao senhor, o vencido, supportando todos os males da conquista, a cantar louvores ao vencedor. Todavia vou nomear um normando, o primeiro nas armas e em jerarchia, o melhor e o mais illustre da sua

raça. E aquelle que recusar beber á sua bem adquirida fama, eu chamo-o traidor e sem dignidade e assim o sustentarei com risco da minha propria vida. Bebo á saude de Ricardo Coração-de-Leão!

O principe João, que esperava que o seu nome terminaria o speech do saxão, estremeceu quando ouviu inesperadamente pronunciado o de seu irmão, a quem havia pouco injuriara. Levou a taça aos labios com um gesto machinal, pousando-a immediatamente para examinar a attitude dos convivas ao escutarem aquella proposição inesperada. Muitos d'elles sentiam que era tão perigoso acceital-a como recusar-a. Alguns, cortezãos velhos e experientes, seguiram exactamente o exemplo do principe levando a taça aos beiços e tornando logo a pousal-a deante de si. Outros,

com um sentimento generoso, exclamaram: «Viva o rei Ricardo por muitos annos! Oxalá que dentro em pouco o tenhamos entre nós!» Uns poucos, entre os quaes Testa-de-Boi e o templario, mostrando um grande desdem, nem sequer tocaram nas taças. Mas nenhum onsou francamente pretestar contra o brinde levantado ao monarcha reinante.

Depois de ter gozado por alguns instantes do seu triumpho, Cedric disse ao seu companheiro:

— Levantae-vos, nobre Athelstane! Já aqui nos demorámos bastante tempo, visto que correspondemos á cortezia do principe João assistindo a este banquete. Aquelles que desejarem conhecer mais a fundo os costumes grosseiros dos saxões podem ir de futuro ver-nos nas casas de nossos paes, porque

nós já sabemos sufficientemente como são os festins reaes e a cortezia normanda.

Tendo dito estas palavras, levantou-se e sabiu da sala do banquete, seguido de Athelstane e de muitos outros convivas que, sendo como elles de origem saxonia, se julgavam tambem insultados pelos sarcasmos do principe João e dos seus cortezãos.

— Pelos ossos de S. Thomaz! disse o principe, enquanto elles se retiravam, os rusticos saxões fiaram com as honras do dia e retiraram-se todos triumphantes.

— *Conclamatum est, poculatum est*, disse o prior Aymer; nós temos bebido e temos gritado,—seria tempo de deixarmos os frascos de vinho.

— O frade tem de confessar esta noite alguma bonita penitencia.

que ellas se mostraram mais notaveis, e côradas de purpura, amarello e vermelho, mas a sua primeira noticia parece ser a de Goldschmidt em 1820. Em Java, em 1871, foram vistas tres minutos antes e ainda 5 minutos depois da totalidade.

**Sombra da lua no ar.**—Depois, a aproximação da sombra correndo á superficie da terra como nuvem negra, aincadora e silenciosa, que sobre nós se precipita com velocidade mais formidavel que a de uma bala de artilheria, infunde inevitavelmente uma especie de terror, a que em vão se pretende resistir. Diz Sisy, o eminente director durante meio século do tão celebre observatorio de Greenwich: «foi então que vi um eclipse total em toda a sua grandiosidade e acrescencia em todo o seu horror.

Ninguém, senão quem assistiu a um phenomeno d'estes, pôde formar a menor idéa da scena que realmente se apresenta então»

Este effeito produzido pela sombra lunar é contido algumas vezes pouco sensível, principalmente quando a atmosfera está de uma limpidez perfeita. Se pelo contrario ha um pouco de neblina, torna-se muito mais notavel. Para os observadores que occupam pontos elevados d'onde a vista abrange um dilatado horizonte, a aproximação da sombra com a sua aterradora rapidez é sempre visível nos montes e valles distantes, embora o não seja no ar.

**Baily's beads.**—No momento em que vai desaparecer o delgado crescente solar, succede muitas vezes um curioso phenomeno: rompe-se aparentemente em fragmentos contiguos, semelhante contos luminosos, ou talvez um diadema de brilhantes, que rapidamente vão diminuindo de grandeza, correndo uns para os outros e fundindo-se como gotas de mercúrio, até que reunidos n'um só ponto luminoso desaparecem enfim de todo no instante em que começa a totalidade.

A luz do Sol é tão intensa que basta este ponto para dar a impressão de ser ainda dia, posto que escuro: é o desaparecimento d'elle que repentinamente produz as trevas.

Esta apparencia muito interessante, devida ás irregularidades causadas pelas montanhas lunares no bordo do nosso satellite, produzindo effeitos de difracção, foi pela primeira vez observada e descripta por Baily no eclipse de 1836, maio 15, annular ao norte da Grã-Bretanha; desde então ficou tendo o nome de «contos de Baily» ou mais vulgarmente «Baily's beads». Já porém Webber, em 1793, tinha visto o mesmo e lhe chamára «gotas luminosas». Foram pela primeira vez photographadas em Ottumwa no Illinois.

**Apparecimento da corôa.**—Seguindo-se a esta série de estranhos phenomenos, a escuridão mais consideravel e a admiravel corôa solar apparecendo subitamente—ou quasi—empolgando todas as faculdades do observador, concentrando-as na contemplação extatica do maravilhoso espectáculo, das côres insólitas dos objectos, da vida animal e vegetal perturbadas, e do proprio céu.

Os espectadores conservam quasi invariavelmente um silencio profundo, saltando quando muito alguma exclamação de enthusiasmo. O ar torna-se frio e forma-se muitas vezes orvalho. A impressão de espanto causada

em geral pela incomparavel irrupção da corôa é sempre immensa.

Um portuguez, o dr. R. de Sousa Pinto, exprime-se assim:

«Não é possível descrever o effeito que produzia sobre todos aquella magica scena» que «lançava o espirito n'um estado de ansiedade de onde não havia sahir.»

Segundo mrs. Todd, a impressão produzida por um eclipse total nunca se esquece mais; nos primeiros dias é mesmo absolutamente dominante.

Parece ter-se estado em contacto com as gigantescas forças cosmicas e seus inconcebiveis effeitos, pasmado da pequenez humana.

**Animaes e plantas.**—Não são os homens sómente que sentem o assombro do raro acontecimento; tambem os animaes se manifestam no mesmo sentido. Innumeros são os exemplos citados, abrangendo todos os animaes domesticos, mas é especialmente nas aves, e tambem nas plantas que a observação tem sido mais constante.

As aves, estocando como loucas com gritos de terror por alguns momentos, procuram, logo emmudecidas, refugiar-se nos abrigos onde costumam acclher-se de noite. O pavor que d'ellas se chega a apoderar é tal que se tem visto cahirem mortas no chão, segundo contam Riccioli e Arago. Surgem furtivamente os morcegos, e até ás vezes os mochos e corujas deixam os seus tenebrosos poisos. As acacias e mimosas cerram as suas folhas como costumam á noite; algumas flores, taes como os mesembryanthemous fecham as suas corollas, enquanto que se abrem as das nyctagineas, e desabrocham as dos cactos.

**Obscuridade.**—A escuridão produzida pela totalidade foi muitas vezes exaggerada nas noticias antigas. E' contudo certo precisar-se muitas vezes de luz artificial para poder lêr ou notar as horas dos chronometros, e mesmo tomar apontamentos. Outras vezes, pelo contrario, quasi não chega a escurecer mais do que ao pôr do sol.

Posto que a luz emanada da corôa contribua em grande parte para a illuminação terrestre durante a totalidade, muitas outras circumstancias influem na intensidade luminosa restante. Se a duração da totalidade é pequena, a atmosfera acha-se illuminaada a pouca distancia do observador, e diffunde mais luz do que no caso de ser longa aquella duração.

Se ha nevoa ou nevoens, o effeito pôde ser maior ou menor: nos casos do céu encoberto a diminuição da luz na passagem da sombra é em regra pouco pronunciada embora perfeitamente sensível. No seu relatório do eclipse de 1860, Otto Struve attribue porém á limpidez atmospherica de então a pouca obscuridade notada.

**Fim da totalidade.**—Mas em breve tudo o que constitue a belleza e o encanto de um eclipse total do sol torna a desaparecer, e a luz solar, irrompendo de novo por detraz do bordo da lua, dardeja um subito clarão, deslumbrante como o feixe de um projectôr electrico e successivamente continuado por uma intensidade de luz rapidamente crescente, que todos dizem parecer augmentar mais depressa do que diminuir.

Então, salvo o reaparecimento das sombras ondulantes, o interesse do phenomeno cessou para o vulgo, e só fica o pesar de não se ter podido gosar mais largamente o sublime es-

pectaculo do eclipse total, cuja brevidade torna quasi impossivel prestar attenção a todos os diversos assumptos que tumultuariamente a despertam, sem lhe permittir fixar-se satisfactoriamente em nenhum.

E' por isso que todos os que pretenderem realisar alguma observação util, devem antecipadamente escolher um determinado assumpto para a elle especialmente se dedicarem; se até ao momento proprio não tem feito a sua escolha acerca do que querem vêr, o mais provavel é não vêrem nada, e tomarem nota de menos ainda.»

Taes são os phenomenos geraes que se produzem por occasião do magestoso espectáculo que todos se preparam para admirar no proximo dia 18.

## AGRADECIMENTO

Maria Benedicta de Carvalho (auzente), Maria do Egypto Leite, Juliana Leite da Costa, Maria José Ferreira Leite, Domingos José dos Santos Leite, Manuel Vieira de Carvalho (auzente), julgam ter agradecido a todas as pessoas que se dignaram dirigir-lhes expressões de condolencia por occasião da morte da sua muito presada mãe e sogra; mas podendo ter commettido alguma falta, aliás involuntaria, veem por este modo significar a todos em geral a expressão do seu sincero e indelevel reconhecimento.

Aveiro, 30 de abril.

### A origem dos coronéis honorarios

A origem dos coronéis honorarios tem o seu quê de interessante. Conta-se assim:

Frederico, o Grande, da Prussia, teve um periodo da sua vida em que deveu uma consideravel quantia ao seu alfaiate.

Vendo o artista a impossibilidade de receber o seu dinheiro, pediu uma audiencia a Frederico, que da melhor vontade a concedeu.

O alfaiate chamou a attenção do rei para o grande numero de potentados estrangeiros que visitavam a sua côrte, e que esses personagens ficariam muito orgulhosos se Frederico, o Grande, os nomeasse coronéis honorarios do seu poderoso exercito.

O rei concordou nas nomeações e o alfaiate pediu, em pagamento da sua dívida, para ser encarregado de fazer as fardas respectivas.

Em pouco tempo o artista estava pago do que o rei lhe devia, chegando a possuir uma fortuna colossal.

### «O Manuelinho»

O celebre «Manuelinho» que os nossos leitores conhecem desde a sua arrojada fuga das cadeias civis de Aveiro, através dos canos das latrinas, acaba de se escapulir do Limoeiro. Pouco tempo, porém, andou no gôso da *bella di a libardade*, pois foi capturado no dia 2 em Villa Franca de Xira.

Contêmos a fuga:

Manuel Antunes, «O Manuelinho»

—Será em vão, disse o principe, andando pela sala com passos desordenados e exprimindo-se com uma agitação para que o vinho tinha em parte contribuido.—Será em vão; elles viram a mão escrevendo na parede, viram as pisadas do leão na areia, ouviram-lhe os rugidos aproximando-se e atroando a floresta,—nada conseguirá reanimar-lhes a coragem.

—Prouvera a Deus, disse Fitzurse para De Bracy, que alguma coisa pudessem reanimar a d'elle proprio! Só o nome de seu irmão lhe faz sezões. Desgraçados dos conselheiros de um principe falto de firmeza e perseverança tanto para o bem como para o mal.

«O rata primeira», nome de guerra por que tambem é conhecido, encontrava-se na cadeia do Limoeiro conjunctamente com um individuo condemnado pelo crime de homicidio.

Esse individuo, sabendo que o «Manuelinho» é eximio em preparar fugas, pois que não só fugiu por mais d'uma vez de prisões onde o tem encerrado, como até já conseguiu fugir de Rilhatolles, onde esteve encerrado, prometteu-lhe 40 libras com a condição d'elle arranjar fuga para os dois.

«O Manuelinho» accetou o contracto e tratou de preparar a fuga pelo telhado, arrombando para isso o forro do tecto da cella.

«O Manuelinho» foi o primeiro a subir para o tecto e depois de já estar sobre o telhado começou a içar o dinheiro que o seu companheiro lhe havia prometido, que era em prata e por isso fazia grande peso e volume.

Quando estavam n'este trabalho o dinheiro caiu e fez barulho.

O companheiro do «Manuelinho» julgou-se então perdido e disse para aquelle: «Bem. Eu já não fujo porque vão dar com isto; mas, visto que eu não consegui fugir, não te dou tambem o dinheiro.

«O Rata primeira», que se achava sobre o telhado, respondeu-lhe muito philosophicamente:

—Pois olha, eu é que já não volto para traz.

Dito isto, seguiu pelo telhado fóra e foi descer por um andaime das obras da prisão.

Logo que chegou ao pateo exterior da cadeia, foi visto, como não podia deixar de ser, pela sentinella, que lhe perguntou:

—Quem vem lá?

—Guarda! respondeu elle friamente.

E acrescentou: «Vou render o meu companheiro».

Ora é preciso dizer-se que o «Manuelinho» ia n'essa occasião coberto com um capote igual ao que usam os guardas do Limoeiro.

Por este motivo a sentinella julgou que realmente estava a falar com um guarda e por isso o deixou ir em paz, dando logar a que elle saísse para a rua.

«O Manuelinho» percorreu então diversas ruas e principiou a metter-se na pandega, gastando assim o melhor de 40\$000 réis que trazia consigo. Para melhor empregar o tempo foi para a feira de Alcantara e alli se conservou comendo, bebendo e gosando do melhor. Já farto de Lisboa resolveu ir para Villa Franca, onde já foi preso duas vezes e onde tem alguns amigos.

Metteu-se, pois, no comboyo e seguiu para Alhandra, onde desembarcou, indo depois para Villa Franca a pé, pelo que teve de cortar um sapato que lhe apertava.

Logo que chegou a Villa Franca dirigiu-se para casa do sapateiro Apollinario da Silva, morador na rua Direita, um seu amigo que o recebeu de braços abertos.

Alli se conservou até á noite, á hora em que saiu para ir visitar uma mulher sua conhecida.

Parece que foi então que alguém o reconheceu.

Participado o facto ás auctoridades de Villa Franca, estas apresentaram-se em casa do sapateiro Apollinario para realisar a captura.

### XV

E contudo imagina elle—ah! ah! ah! ah!—imagina elle que eu sou instrumento e escravo da sua vontade. Pois sim: através d'este labyrintho de difficuldades creadas pelos seus enredos e baixa tyrannia, eu hei de abrir caminho para mais altos destinos; e quem dirá que não faço bem?

BASILIO, tragedia.

Nunca aranha alguma teve mais trabalho para reparar os fios quebrados da sua teia do que teve Waldemar Fitzurse para reunir e colligar os membros dispersos da facção do principe. Alguns eram-lhe affectos por inclinação, mas nenhum por consideração pessoal. Era portanto necessario que Fitzurse fizesse ver-lhes novamente as vantagens futuras e que lhes recordasse as que gozavam presente-

O sapateiro negou a principio que o «Manuelinho» estivesse em sua casa e até negou a entrada ás auctoridades.

Estas, porém, entraram á força e foram prender o «Rata», que se achava deitado a dormir em uma cama no chão e n'um dos compartimentos interiores da casa.

O «Rata» entregou-se á prisão sem resistencia e deu entrada em um dos quartos da cadeia da villa.

Foi elle que fez a narração que vimos de referir, accrescentando que ainda ha-de fugir mais vezes, para o que já tem os seus calculos feitos.

Em uma das occasiões em que era interrogado respondeu com a maior sinceridade:

—Que querem? Embirro com esta coisa de estar preso! Mas socoquem, que nunca hei-de comprometter nem tirar o pão a ninguém!

### Os duellos entre os chins

N'um canto da exposição de Paris appareceu um d'estes dias, um chinez, prostrado por terra e vertendo sangue pela bocca, narinas e ouvidos, sem apresentar vestigio algum de ferimento externo. Apurado o caso, veio-se a saber que o pobre chinez se tinha batido em duello.

Ora os duellos na China não são nem á pistola, nem ao sabre, nem a murro a cem passos de distancia com um muro de permoio. Os chins salvam a honra offendida d'um modo muito diverso. Os contendores assentam-se em fente um do outro, e desfecham o bacamarte do insulto até que um não tenha mais que dizer. Chegado este momento, está salva a honra. O chinez em questão de tal modo tomou calor na invectiva que lhe rebentaram alguns vasos sanguineos, sobrevivendo-lhe a hemorragia que o prostrou.

### Dito do... melo

Conta-se que um peralvilho se chegou uma vez ao pé d'um cathedral de Coimbra, e exasperado por não sei que questiuncula insignificante, disse ao aggressor cuspiendo para o lado:

—Considere-se encarrado n'essa cara!

O lente apontou contra o bilhastre o seu respeitavel reverso cathedrico, e produzindo no apice uma d'essas detonações que são a mola real dos contos d'Armand Silvestre, redarguiu impávido ao aggressor:

—Pois camarada! considere-se ferido por um tiro.

E illusa a honra, cada qual foi tratar da sua vida.

## ANNUNCIOS

### OFFICIAES DE SAPATEIRO

PRECISAM-SE na Sapataria Aveirense de Marques de Almeida & Irmão.

mente. Aos moços gentis-homens dissolutos mostrou a perspectiva de uma licença impune e de um regabofe sem peias: aos ambiciosos a do poder, e aos cúpidos a do augmento de riquezas e dominios. Os chefes dos mercenarios receberam uma dádiva em dinheiro, para elles o argumento de maior valor e sem o qual todos os outros eram inuteis. As promessas foram distribuidas mais liberalmente ainda do que o dinheiro por esse activo agente; e, enfim, elle não esqueceu coisa alguma que pudesse resolver os indecisos e reanimar os desanimados.

(Continúa.)

te, que está com tanta pressa de se ir embora, disse De Bracy.

—Nada d'isso, sir cavalleiro, replicou o abbafe, mas tenho de percorrer muitas milhas ainda hoje antes de entrar em casa.

—Vão-se safando, disse o principe ao ouvido de Fitzurse; tem medo antes de tempo e o poltrão do prior é o primeiro que me abandona.

—Nada receies, meu senhor, disse Waldemar, eu vou expor-lhe umas razões que devem convencê-lo a juntar-se-nos quando nos reunirmos em York.—Sir prior, disse elle, eu desejo falar-vos em particular antes de montardes no vosso palafrem.

Os outros convidados dispersaram-se rapidamente, com excepção dos que pertenciam declaradamen-

te ao partido do principe ou formavam a sua comitiva.

—Ahi está o resultado dos vossos conselhos, disse o principe voltando-se com ar colérico para Fitzurse; fui insultado á minha propria meza por um rustico saxão bebado, e bastou o nome de meu irmão para fugirem de mim como se eu tivesse a lepra!

—Tende paciencia, sir, replicou o seu conselheiro; eu podia replicar-vos com a vossa accusação e censurar a imprudente levandade com que tendes transtornado os meus planos e transviado o vosso discernimento superior. Mas não é agora occasião de recriminações. De Bracy e eu vamos ter immediatamente com esses cobardes fugitivos e mostrar-lhes que avançaram de mais para poderem agora recuar.

# AO COMMERCIO E AO PUBLICO

**ALBINO PINTO DE MIRANDA**, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

**Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 70 réis o litro, tinto; branco a 120 e 200 réis, sendo para consumir em casa de freguez.**

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

## AVEIRO

**FERRAGENS**, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES  
AVEIRO

## Azeite do Douro BARRA - PHAROL

**NINGUEM** compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é allí onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

Desconto aos revendedores.

## ROLÃO PALMA

**ESTA** farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

## TYPOGRAPHIA

DO

## POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc. etc.

RUA DE S. MARTINHO  
AVEIRO

## POVO DE AVEIRO

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

## Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, eucadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

*Precioso brinde a todos os senhores assignantes:* Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

## ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

N'ESTE estabelecimento encontram-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

## ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins  
(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

**ESTE** antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para vender.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

## Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas'

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affançã a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

## ARMAZENS

DA

# BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

## AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sohejo  
(Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

## CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapellaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

**N. B.**—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

## FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmcas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

## OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira  
AOS BALCOES—AVEIRO

N'ESTA antiga e acreditada

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos